



# Conhecimento de professores sobre estimulação da linguagem via narração de histórias

## Teacher knowledge about language stimulation by storytelling

## El conocimiento de los maestros sobre la estimulación del lenguaje a través de la narración de historias

*Aline Roberta Aceituno da Costa\**

*Thais Cristina Barbosa Mariano\**

*Ariadnes Nobrega de Oliveira\**

*Patrícia Abreu Pinheiro Crenitte\**

### Resumo

**Objetivo:** Este trabalho investigou o comportamento de contar histórias de professores e o preparo para a utilização das mesmas como entretenimento e como ferramenta de estimulação da linguagem. **Métodos:** 19 professoras de ensino infantil foram entrevistadas quanto a: 1) Formação e preparo para contar histórias; 2) Objetivos ao contar histórias; 3) Conhecimentos sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem e atividades de estimulação. **Resultados:** Os dados revelam que as professoras realizam atividades de contação de histórias em suas práticas cotidianas com alta frequência, creem que tal atividade se destaca positivamente no desenvolvimento da linguagem oral e escrita da criança, assim como na estimulação da criatividade, da imaginação e da memória. Porém, apresentam pouco conhecimento sobre como realizar o preparo das histórias e o próprio preparo para realizar a atividade, sobre desenvolvimento de linguagem infantil e sobre como operacionalizar a inserção de atividades intencionais de estimulação de linguagem na narrativa oral. **Conclusão:** os professores realizam atividades de narração de histórias em suas práticas cotidianas e acreditam ser fator fundamental no desenvolvimento da linguagem oral e escrita

\*Faculdade de Odontologia de Bauru, USP, Bauru, SP, Brasil.

#### Contribuição dos autores:

ARAC: concepção, planejamento do projeto de pesquisa, coleta de dados, análises e redação da primeira versão do manuscrito.

TCBM: atuação nas atividades de coleta de dados.

ANO: interpretação dos dados, revisão e redação final.

PAPC: colaborou com a redação final do artigo.

**E-mail para correspondência:** Ariadnes Nobrega de Oliveira – dine\_usp@yahoo.com.br

**Recebido:** 11/10/2016

**Aprovado:** 18/04/2017



da criança, bem como a da criatividade, imaginação, aprendizado e memória, porém, os profissionais receberam pouco ou nenhum preparo formal e não se expõem a apresentações profissionais.

**Palavras-chave:** Estudos de Linguagem; Desenvolvimento Infantil; Contar histórias.

### **Abstract**

**Purpose:** This paper investigates the behavior of storytelling by teachers and their preparation to use it as entertainment and as a language stimulation tool. **Methods:** 19 kindergarten teachers were interviewed regarding: 1) Training and preparation for storytelling; 2) Storytelling objectives 3) Language acquisition and development; and stimulation activities. **Results:** The data indicates that teachers perform storytelling activities in their daily practices with high frequency; they believe that such activity is positive for oral and writing language development, stimulates creativity, imagination and memory. However, they have sparing knowledge about the preparation of the stories, language development and on how to operationalize the inclusion of intentional language stimulation activities in the oral narrative. **Conclusion:** teachers carry out storytelling in their daily practices and believe it to be a fundamental factor in the development of oral and written language of the child, as well as creativity, imagination, learning and memory, but the professionals have received little or no formal preparation and do not expose themselves to professional presentations.

**Keywords:** Language Arts; Child Development; Storytelling.

### **Resumen**

**Objetivo:** En este estudio se investigó el comportamiento de cuentacuentos de los maestros y la preparación para su uso como entretenimiento y como herramienta de estimulación del lenguaje. **Métodos:** 19 maestros de infantes fueron entrevistados con respecto a: 1) Formación y preparo para cuentacuentos; 2) Objetivos al contar historias; 3) Conocimiento sobre adquisición y desarrollo del lenguaje y actividades de estimulación. **Resultados:** Los datos muestran que los profesores realizan actividades de cuentacuentos en sus prácticas diarias con alta frecuencia, creen que tal actividad se destaca positivamente en el desarrollo del lenguaje oral y escrito del niño, así como la estimulación de la creatividad, la imaginación y la memoria. Pero tienen escaso conocimiento sobre cómo llevar a cabo la preparación de las historias y su propio preparo para realizar la actividad, sobre el desarrollo del lenguaje infantil y sobre como poner en práctica la inclusión de actividades intencionales estimulación del lenguaje en la narración oral. **Conclusión:** Los maestros llevan a cabo las actividades de narración de historias en sus prácticas cotidianas y creen que es un factor fundamental en el desarrollo del lenguaje oral y escrito del niño, así como de la creatividad, la imaginación, el aprendizaje y la memoria, pero han recibido poca o ninguna preparación formal y no se exponen a presentaciones profesionales.

**Palabras claves:** Estudios del Lenguaje; Desarrollo Infantil; Cuentacuentos.

## Introdução

Desde muito cedo, as crianças aprendem a contar o que aconteceu na escola ou no final de semana e é a troca de papéis (ora ouvinte, ora narrador/falante) que permite que conheçam outros universos, pessoas, ideias, ampliem vocabulário, compreendam os usos da língua, conheçam diferentes culturas e pontos de vista. O comportamento do narrador é aprendido naturalmente, sendo modelado no contato com os outros membros da comunidade verbal em contexto incidental. Esse tipo de narração (registro oral) era o único na antiguidade, quando todas as histórias eram perpetuadas de forma oral<sup>1</sup>. Alguns membros das comunidades que perpetuam suas histórias pela tradição oral são chamados de contadores de histórias. Suas narrações se diferenciam pelo cuidado com a forma de apresentação do texto, ou seja, com variáveis que podem ter um grande impacto no comportamento do ouvinte. Por exemplo, a alternância na altura e na frequência vocal, a interação com músicas e a mudança de ritmos e entonações que podem aumentar a duração do comportamento do ouvinte de atentar à fala do narrador.

O ato de contar histórias pode ser naturalmente aprendido, porém, é plausível supor que haverá um grande ganho no refinamento dessa aprendizagem caso haja também a exposição a situações previamente e intencionalmente preparadas por um ou mais membros da comunidade verbal, proficiente(s) na atividade de contar histórias. Isto porque, apesar de ser uma atividade compreendida como divertida<sup>2,3</sup>, visto a alta probabilidade de engajamento das crianças em atividades em torno de rodas de contação de histórias, ainda hoje há muitas crianças que tem o mínimo contato com livros<sup>4</sup>. Assim, o conhecimento de estudos sistemáticos que tenham investigado as dimensões comportamentais afetadas pela contação de histórias, assim como as variáveis específicas da contação as quais produzem tais efeitos permitem que se pense em estratégias e materiais adequados para que se possa narrar com diferentes finalidades, entre elas, a estimulação de linguagem infantil<sup>5-6</sup>.

Por exemplo, recentemente, Horst, Parsonse e Bryan<sup>7</sup> e Horst<sup>8</sup> demonstraram que crianças de três anos aprendem uma quantidade maior de novas palavras a partir de leitura compartilhada de livros - atividade de leitura em que uma ou mais crianças ouvem uma história lida em voz alta por

um adulto<sup>5</sup> quando três livros de histórias são lidos repetidamente, do que quando são lidos nove livros diferentes. Outros autores que afirmam que as crianças ampliam vocabulário enquanto ouvem histórias são Elley<sup>9</sup>, Feitelson, Kita e Goldstein<sup>10</sup>, Souza e Bernardino<sup>11</sup> e Wells<sup>12</sup>. Esse último investigou a frequência com a qual as crianças ouvem histórias, a qual foi positivamente associada com a avaliação, realizada por seus professores, do tamanho do vocabulário aos 10 anos.

O ato de contar histórias tem sido apontado, também, como uma atividade com grande potencial para gerar experiências que favoreçam a compreensão do princípio alfabético (conhecimento de que cada fonema se relaciona a ao menos um grafema e vice-versa) para crianças que frequentam o ensino infantil (3 a 5 anos)<sup>13-14</sup>. Girolametto, Weitzman e Grenberg<sup>15</sup> afirmaram que existem várias habilidades, adquiridas antes da exposição a um método formal de alfabetização, que preparam crianças pequenas para a aquisição de leitura e escrita proficiente. (conceitos sobre texto escrito, consciência narrativa, consciência fonológica, vocabulário e linguagem oral). Podem preparar, também, a construção de uma postura crítico-reflexiva que é extremamente relevante na estimulação da compreensão leitora<sup>16</sup>. Por exemplo, na chamada leitura ou contação de histórias dialógica, um adulto e uma criança trocam de papéis de forma que a criança tem a oportunidade de tornar-se o contador de histórias com a assistência de um adulto, que funciona como um ouvinte ativo e questionador<sup>17-18</sup>.

Além disso, Abramovich<sup>16</sup> afirma que é muito comum que o primeiro contato da criança com um texto escrito ocorra por meio da voz dos familiares. Esta atividade não deixa de ocorrer com a entrada da criança na escola, mas, é comum que passe a ocorrer concomitantemente em casa e na escola, especialmente, no ensino infantil. Assim, parece plausível defender que o máximo aproveitamento desta estratégia pode favorecer a aprendizagem de linguagem e de conteúdos acadêmicos de forma contínua, familiar, prevenindo a utilização de atividades desconhecidas, mecânicas, com finalidades unicamente conteudistas, fomentando a compreensão e valorização das práticas culturais de leitura e escrita. O contar sem a presença do elemento "livro" traz a possibilidade de seleção de textos de interesse para alcançar objetivos específicos dependendo da idade e ano da educação infantil. O ato de narrar para a criança com o livro em mãos

apresenta o comportamento de ler, extremamente importante nos anos iniciais da infância, quando grande parte do aprendizado infantil se dá pela imitação<sup>19-20</sup>. Segundo Contini<sup>21</sup>, uma criança exposta a um ambiente que permita o acesso a material escrito e pessoas que o manuseiem já estaria aprendendo seus usos e funções como forma de comunicação, o chamado letramento, antes mesmo dos dois anos de idade.

Por outro lado, Mol, Bus e Jong<sup>22</sup> afirmam que o efeito da leitura/contação de histórias tende a ser menos expressivo quando a intervenção é realizada por professores do que quando é realizada por pesquisadores, e enfatizam a importância de se estudar o motivo dessa diferença. Uma possibilidade de explicação para esse fato é que os profissionais da educação podem estar realizando a atividade com menos controle pelos resultados positivos da literatura do que estariam os pesquisadores Belet e Dal<sup>23</sup>, que investigaram a opinião de professores sobre a atividade de contar histórias, relataram que eles se mostraram favoráveis, porém, enfatizaram a necessidade de ter formação. Neste mesmo sentido, Girolametto, Weitzman e Greenberg<sup>15</sup> apontaram a necessidade de investigar o conhecimento de educadores do ensino infantil e de desenvolver ações que favoreçam o desenvolvimento dos profissionais desta área em um estudo no qual investigaram a eficácia de um programa, elaborado numa parceria entre educadores e fonoaudiólogos, o qual envolvia treino de educadores para a estimulação de habilidades básicas relacionadas à linguagem escrita por meio da leitura de livros de história. Os resultados apontaram que os professores do grupo experimental utilizaram mais estratégias de estimulação do que os profissionais do grupo controle, os quais não haviam participado do programa.

A participação de fonoaudiólogos em estudos como o acima descrito tem sido defendida na literatura nacional, como o trabalho de Neto, Silva e Aruda<sup>24</sup>. De acordo com Leite, Bittencourt e Silva<sup>25</sup>, a linguagem está diretamente ligada à profissão do fonoaudiólogo, considerada como área que estuda a comunicação humana. Os autores enfatizam que não cabe ao fonoaudiólogo apenas tratar patologias ou garantir a reabilitação de aspectos funcionais do paciente, mas, que há outras formas de atuação desse profissional. Apontam o fato de que recentemente se tem observado uma maior inserção do fonoaudiólogo no campo escolar, a Fonoaudiologia Educacional.

Outro exemplo pode ser constatado em um estudo realizado em 2013<sup>26</sup>, o qual apontou que a realização de mediação fonoaudiólogo/ professor, com enfoque na narrativa, provocou mudança no modo de narrar não só do professor, mas também nas narrativas das crianças, apontando a importância da assessoria ao professor, por parte do fonoaudiólogo, em sua prática, de modo a oferecer novos subsídios teóricos.

Após todas essas reflexões e por entender que a atividade de contar e ouvir histórias pode apresentar grande impacto no desenvolvimento da linguagem oral e escrita, este trabalho propõe-se a investigar sua utilização no ambiente escolar.

## Métodos

Este estudo, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Odontologia de Bauri FOB-USP - CAEE no. 13260713.4.0000.5417, teve caráter exploratório e fez uso de método qualitativo de análise de dados. Ou seja, foi realizada análise de conteúdo e a frequência das categorias emergentes foram tabuladas e disponibilizadas descritivamente em tabelas.

Participaram do estudo educadoras atuantes em duas escolas de ensino infantil de um município de médio porte, situado no interior do estado de São Paulo, que concordaram em participar do estudo, por meio de suas diretorias. Foi realizado o convite para todas as educadoras em exercício quanto à participação e, após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, de acordo com Resolução MS/CNS/CNEP no 196/96 de 10 de outubro de 1996), em que todas assinaram, foi realizado o agendamento de um horário individual para a realização da coleta de dados que ocorreu em sala silenciosa nas dependências da Universidade de São Paulo-Bauri.

Os dados foram compilados a partir de entrevista do tipo semiestruturada, a qual é direcionada por um roteiro de questões abertas previamente elaborado, o qual permite uma organização flexível e ampliação dos questionamentos à medida que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado.

O roteiro foi construído, inicialmente, com doze questões, então foram conduzidas duas outras etapas, chamadas de passos para adequação, conforme sugerido por Manzini<sup>27</sup>. O primeiro passo foi a avaliação do roteiro por quatro juízes externos,

duas pedagogas e duas professoras universitárias da área da fonoaudiologia. O roteiro foi enviado às juízas juntamente com uma breve descrição da pesquisa (problema, objetivos, população a ser entrevistada) e de questões a serem respondidas sobre o mesmo. Estas questões solicitavam que o juiz avaliasse o roteiro quanto à clareza, ordem das questões e adequação para alcançar os objetivos. Todas as sugestões foram levadas em consideração.

Após a avaliação por juízes externos e a reescrita do roteiro foi então conduzido o segundo passo: realização de aplicação piloto da entrevista com três professoras. Todas as professoras responderam sem apresentar dificuldades de compreensão. Porém, foi observada a necessidade de realizar um *rapport* (quebra de gelo, familiarização com a situação) antes do início das entrevistas. Desse modo, foi padronizado que antes do início, o entrevistador explicaria ao entrevistado como ele havia sido selecionado, retomaria o fato de que as respostas são anônimas, que suas opiniões são muito

importantes para o estudo, que esperamos que ele se sinta completamente à vontade para interromper, pedir esclarecimentos, e mesmo criticar perguntas.

As respostas das participantes foram gravadas com o consentimento das entrevistadas e transcritas *ipsis litteris*. O roteiro final de questões utilizado nas entrevistas semiestruturadas está apresentado no Anexo 1.

## Resultados

No total foram realizadas 19 entrevistas, sendo 9 professores de ensino infantil da rede pública e 10 professores de ensino infantil da rede privada, sendo que a média de alunos por sala de aula é 20 crianças. Um resumo da caracterização das participantes (atuação em escola pública ou privada, tempo de atuação, número de crianças com as quais atua) está apresentado na Tabela 1. Cada uma das participantes foi identificada com a letra P e um número de 1 a 19.

**Tabela 1.** Caracterização dos participantes do estudo quanto ao tipo de escola na qual atua, o tempo de atuação na educação infantil e o número de crianças com as quais atua atualmente. Os participantes estão identificados como a letra p e o número de 1 a 19

Identificação	Rede privada		Identificação	Rede pública	
	Tempo	No. Crs		Tempo	No. Crs
P1	1 ano	6	P11	1 mês	12
P2	2 anos	24	P12	2 meses	26
P3	2 anos	14	P13	2 anos	14
P4	9 anos	21	P14	2 anos	15
P5	14 anos	20	P15	3 anos	24
P6	17 anos	20	P16	3 anos	24
P7	20 anos	17	P17	5 anos	25
P8	24 anos	22	P18	8 anos	22
P9	25 anos	19	P19	11 anos	23
P10	28 anos	11			

Após a realização das entrevistas foi conduzida uma análise por categorias. A análise foi sempre qualitativa, porém, a frequência de algumas respostas foi apresentada descritivamente, como por exemplo, o registro dos profissionais que apresentam experiência prévia ao magistério com a contação de histórias. A natureza do problema tornou necessária a utilização de um método de análise qualitativa para os itens investigados. Pesquisas qualitativas permitem a melhor compreensão de aspectos cujos dados não puderam ser coletados

de modo completo por outros métodos devido à sua complexidade. O objeto deste tipo de pesquisa caracteriza-se pelo universo da produção humana sintetizado no mundo das relações, das representações e da intencionalidade<sup>28</sup>.

Na análise e na interpretação das informações produzidas por uma pesquisa qualitativa devem-se buscar as opiniões, as ideias, as crenças homogêneas ao grupo e as que se diferenciam de acordo com a singularidade de cada ser humano<sup>29</sup>.

A seguir estão apresentados os resultados das entrevistas semiestruturadas de acordo com as três categorias levantadas:

### *Categoria 1: Formação e preparo do professor para contar histórias*

Em relação à formação acadêmica, todas as participantes que trabalham em escola particular relataram terem formação para o ensino, nove de nível superior e uma no nível do segundo grau. De forma mais específica, das dez participantes, sete são graduadas no curso de pedagogia, uma é formada nos cursos de pedagogia e letras, uma

realizou o curso de pedagogia e a pós-graduação em psicopedagogia e uma magistério.

Diferentemente das professoras da escola particular, nem todas as participantes advindas da escola pública relataram terem formação completa voltada para o ensino (pedagogia ou magistério). Das nove participantes, seis são graduadas no curso de pedagogia, uma é formada em letras, duas apresentam 2º grau completo, sendo que uma realizou curso de Auxiliar Administrativo e outra trabalhou por 12 anos com Produção Musical. Ambas estão cursando pedagogia.

O Quadro 1 sumariza os dados relativos à formação das participantes.

**Quadro 1.** Formação das participantes da escola particular e da escola pública

Área	Escola	Pós-graduação		Ensino superior		Ensino médio	
		Pública	Privada	Pública	Privada	Pública	Privada
Dentro da área da Educação		-	1 pedagogia – psicopedagogia	6 pedagogia 1 letras	7 pedagogia 1 pedagogia e letras	-	1 magistério
Fora da área da Educação		-	-	-	-	2 comum	-

Quando questionadas quanto ao hábito de ouvir histórias, das dezenove participantes, 12 apontaram que não têm o hábito (sete da escola particular e cinco da pública). Das outras três educadoras da escola particular: duas ouvem histórias na igreja e uma ouve os filhos contarem histórias para ela; três participantes da escola pública ouvem os filhos e o marido contarem histórias e uma relata que ouve na faculdade.

Um dado relevante diz respeito ao ato de contar histórias, 18 professoras relatam que tem o hábito de contar histórias, apenas uma professora (da rede pública) não tem o hábito (esta é uma das participantes que não tem o hábito de ouvir histórias e não tem formação em curso superior). Em relação às situações nas quais contam histórias, todas as 18 relataram que o fazem em sala de aula, sendo que duas delas o fazem para os filhos também.

Quanto à participação em curso ou oficina sobre contação de histórias, apenas duas (da rede particular) responderam positivamente, as outras professoras afirmaram que apesar de já terem tido

oportunidade para tanto não o fizeram por falta de tempo ou por dificuldades financeiras. Três participantes da escola pública participaram de uma palestra sobre o assunto.

Nenhuma professora realiza preparo vocal e corporal antes da contação. Apenas uma relata que tem conhecimento sobre o assunto por fazer parte de um grupo de coral, porém acredita que os exercícios não são adequados para o ambiente escolar.

Dentre os materiais específicos citados pelas 18 participantes que afirmaram que contam histórias constam: livros, chapéu, dedoches, fantoches, avental, instrumentos musicais e figuras. Apesar de citar os materiais, todas as participantes relataram que na maior parte das vezes usam o livro, fazendo a leitura.

As educadoras da escola particular apontaram que as seleções das histórias são feitas da seguinte maneira: uma escolhe a história no armário de livros sem repeti-la, uma escolhe conforme a solicitação do material pedagógico – assunto que está trabalhando, três participantes selecionam confor-

me o interesse dos alunos e quatro participantes selecionam conforme a faixa etária dos alunos.

Para a seleção das histórias, as participantes da escola pública relataram a seguinte seleção: três participantes informaram que elas ou os alunos escolhem a história do dia pouco antes da leitura, duas selecionam conforme o interesse dos alunos, uma conforme o interesse dos alunos ou aproveitaram os livros que os alunos levam de casa, duas escolhem conforme a data comemorativa ou pela escolha dos alunos.

Todas negaram repetir histórias, e afirmaram que sempre buscam novas histórias e 11 das 18 professoras que utilizam a estratégia não preparam a história antes de contar. As sete professoras (três da escola particular e quatro da escola pública) que relataram que preparam a história descreveram que entendem como preparo a leitura da mesma, com a finalidade de escolher algum material para utilizar no momento de contar e/ou para decidir se a história é adequada.

### *Categoria 2: Os objetivos do professor ao contar histórias*

As profissionais da escola privada responderam que os objetivos ao contar uma história são: ampliar o vocabulário (9), aumentar o repertório das histórias (1), estimular a imaginação da criança (5), trabalhar com atividades lúdicas (3), estimular o prazer pela leitura (10), estimular a linguagem oral (3) e entender a moral da história (2), as profissionais da escola pública citaram: fazer a criança entender a moral da história (5), acalmar as crianças (8), despertar a curiosidade (2), ampliar o vocabulário (3), associar ao conteúdo escolar (8), reforçar valores e destacar situações da rotina (8), estimular a criatividade (4), estimular a interação

(2) e estimular o prazer pela leitura (9). A Tabela 2 resume as respostas das participantes.

### *Categoria 3: O conhecimento do professor sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem oral e escrita durante os primeiros anos de vida e suas atividades de estimulação.*

15 participantes consideram seu conhecimento bom (oito da escola particular e sete da escola pública) as outras quatro participantes consideram o conhecimento regular.

Em relação à aquisição do conhecimento sobre o assunto, cinco professoras de escola particular relataram que o conhecimento foi adquirido por meio de vivência, duas apontam vivência e palestras, uma participante relatou ter esse conhecimento através de vivência e leituras, uma com palestra e uma relatou todas as opções, ou seja, vivência, cursos, leituras e conversas informais. Quanto às professoras da rede pública, seis participantes relataram ter adquirido o conhecimento através de cursos e conversas informais, uma através de curso e vivência, uma por curso e uma através de curso e conversas informais.

Todas as participantes foram unânimes em afirmar que não se lembram de ter aprendido conteúdos referentes ao assunto em seus cursos de formação inicial, duas delas apontaram lembrar ter tido algumas aulas em diferentes disciplinas que abordavam desenvolvimento infantil, mas que não lembravam do conteúdo.

Por fim, todas as participantes afirmaram que acreditam que é possível estimular o desenvolvimento de linguagem por meio da atividade de contar histórias. Que esta pode ser uma estratégia de muito valor no cotidiano escolar e/ou familiar.

**Tabela 2.** Número de professores que indicaram objetivos para realizar atividade de contação de histórias inseridos em cada categoria

Número de professores – escola:		Categoria das respostas	Exemplos de respostas incluídas nas categorias
Pública	Privada		
3	9	Ampliar o vocabulário	Ensinar nomes, aumentar o vocabulário, enriquecer vocabulário
-	1	Aumentar o repertório de histórias	Contar histórias diferentes das contadas pelos pais
6	5	Estimular a imaginação/ criatividade/ curiosidade	Fazer com que fiquem curiosos para conhecer as coisas, ensinar que podem ir para outros lugares
-	3	Trabalhar com atividades lúdicas	Realizar atividades lúdicas, usar uma estratégia divertida, misturar brinquedos, brincadeiras e conteúdo
9	10	Estimular o prazer pela leitura	Estimular a leitura, ensinar que ler é gostoso, levá-los a gostar de ler
-	3	Estimular a linguagem oral	Ensinar formações de frase na norma culta, expor a diferentes usos da língua,
5	2	Entender a moral da história	Ensinar valores, ensinar a retirar a moral da história
2	-	Acalmar	Acalmar quando estão muito dispersos
8	-	Associar ao conteúdo escolar	Ensinar habilidades, trabalhar conceitos, ilustrar o conteúdo que estou trabalhando
8	-	Reforçar valores e destacar rotina	Ensinar o que é correto ou não, explicar conceitos como o que é certo e errado
2	-	Estimular interação	Fazer com que interajam entre eles adequadamente

## Discussão

Este estudo teve o objetivo de investigar a utilização da atividade de contar histórias no ambiente escolar assim como buscar informações sobre o preparo e o conhecimento dos educadores para a realização da atividade como ferramenta de estimulação da linguagem no ensino infantil.

Os dados de caracterização das participantes deste trabalho revelam que, em média, o número de crianças presentes nas salas de aula das professoras da escola particular e da escola pública é bem próximo, em torno de 20 crianças. Porém, as professoras da escola particular têm mais tempo de experiência no trabalho com o ensino infantil do que as professoras da escola pública.

A maior parte das professoras, com exceção de duas da escola pública, tem formação no ensino superior na área da educação; esses dados são de muito interesse já que, a princípio, a graduação nessa área deveria contemplar o estudo voltado para o desenvolvimento infantil, conhecimento importante para obtenção de repertório que possibilita que a seleção do livro e da história seja adequada para crianças de acordo com diferentes faixas etárias<sup>30</sup>.

O impacto que a ausência de instrução formal sobre o desenvolvimento infantil, na formação profissional da educação infantil, pode significar para o trabalho de ensino juntamente a crianças já vem sendo relatado na literatura<sup>31</sup>, uma questão a ser investigada diz respeito especificamente ao impacto da falta de tal instrução na utilização da estratégia de contação de histórias por estes profissionais.

Outro dado relevante para a formação de repertório de contador/narrador diz respeito à exposição a situações em que se tem o modelo, outras pessoas contadoras de histórias, especialmente aquelas que o fazem profissionalmente.

Assim, apesar dos fatos: 1) de que os membros de uma comunidade verbal geralmente apresentam repertório de falante compatível com o ato de contar histórias e 2) de que a maioria das pessoas torna-se realmente narrador (contador), ao menos das histórias cotidianas para os membros de suas comunidades verbais (pais, irmãos, amigos), para que se possa desenvolver esse repertório e refiná-lo de forma a atrair e manter a atenção do outro, é importante ser um bom ouvinte de histórias.

É o comportamento de ouvinte que possibilita aprender além do conteúdo de histórias, o repertório



rio de falante, variações de entonação, sotaques, a dar prosódia, a fazer diferentes expressões faciais, gestuais e corporais<sup>16</sup>.

No estudo de Cunha et al<sup>32</sup>, foi observado que há a necessidade de capacitar os indivíduos que queiram aprender a arte de contar histórias, já que há diferentes recursos e maneiras para se utilizar na prática.

Grande parte das professoras afirmou que não tem o hábito de ouvir histórias (12) e aquelas que responderam positivamente (7), o fazem em situações cotidianas com os seus familiares. Nenhuma professora trouxe o relato de exposição a grupos profissionais e especializados de contação de histórias os quais estão bastante popularizados e de fácil acesso (por exemplo: em *sites* na *internet* “tempo de brincar”, “opera na mala”, disponível em <http://www.tempodebrincar.com.br/>, <http://www.operanamala.com.br/pt/>; em entidades que tem em suas programações permanentes apresentações teatrais e contação de histórias gratuitamente, como, por exemplo, o SESC; programas televisivos que apresentam matérias com este fim, como “Sr. Brasil” da Rede Cultura). As professoras não se aproveitam, portanto, da observação de outros membros da comunidade verbal no desenvolvimento da atividade, o que teria grande impacto a aprendizagem da tarefa<sup>2</sup>.

Apesar de não ter o hábito de se exporem a situações em que outros contam histórias, o fato de 18 professoras declararem que contam histórias, sugere que a utilização da estratégia da contação de histórias em sala de aula sofre mais influência da história de vida familiar relativa ao contar histórias (pais/tios/avós ou professores contadores) e menos da participação como ouvinte de peças de teatros e rodas e contação formais, por profissionais.

Este dado, a ampla utilização da estratégia pela quase totalidade de professores entrevistados, confirma o que a literatura vem apresentando sobre a importância que a atividade de contação de histórias vem adquirindo nos últimos anos, especialmente em situações educacionais e confirma a necessidade de se compreender o perfil desta atividade<sup>30</sup>.

É possível concordar com Barroso e Silva<sup>20</sup> que, na ausência de observação ou preparo formal, cada contador cria sua forma pessoal, tenta colocar suas vivências e administrar da melhor forma possível, decidindo sobre cada detalhe da

atividade. Por exemplo, se é possível contar, ou se há a necessidade de ler ou memorizar todo o texto.

A falta de formação específica para a atividade (das 18 professoras que utilizam a estratégia da contação de histórias, 13 nunca realizaram nenhum tipo de formação) justifica a não realização de preparo para a mesma<sup>3-6</sup> por falta de repertório específico, exemplos disto são alguns relatos dos professores de que não preparam as histórias e não realizam cuidados vocais nem exploração do aparato vocal (ferramenta importante da contação de histórias), de que conhecem materiais para contação (pode-se supor que os cursos exploraram os materiais possíveis para a realização da contação, e/ou que o conhecimento dos materiais tem sido fomentado pelas direções das escolas e pela presença destes em lojas de brinquedos, especialmente aquelas voltadas para educadores), mas na maior parte das vezes utilizam apenas o livro, de que não utilizam estratégias simples como repetição da mesma história.

Por outro lado, há o relato de cinco professoras que afirmaram terem participado de curso ou palestra sobre o tema, mas que também afirmam que não se preparam para a mesma, o que leva à sugestão da necessidade de que se investigue o conteúdo e a metodologia desses cursos, assim como o impacto que eles têm na formação para a prática da atividade de contar história.

Outro aspecto que pode ser decorrente da falta de preparo é o fato de realizarem a atividade de contação de histórias apenas em sala de aula (*sic*), as professoras demonstram que não se vêem como contadoras de histórias, mas que este fazer só é possível para elas no ambiente de sala de aula, como parte das atividades como professoras, como estratégia de ensino.

Mesmo que o ato de contar seja utilizado apenas como estratégia de ensino, o preparo e a seleção das histórias a serem contadas para um grupo de crianças ou mesmo para uma única criança precisa levar em consideração vários aspectos. É importante conhecer a faixa etária, o interesse dos alunos e estar condizente com a proposta sendo desenvolvidas na época da contação (o material pedagógico). Além disso, é importante conhecer o grupo, adequar seu perfil e necessidades. Utilizar resultados positivos de pesquisas que apontaram formas de favorecer a aprendizagem de vocabulário, refinamento sintático, fonológico e pragmático. Contar a mesma história várias vezes, por exemplo,

de formas diferentes e com a ajuda e participação das crianças favorece a compreensão, a memorização, a elaboração de sequência<sup>16</sup>. Os resultados desse estudo, porém, ilustram o impacto que a falta de conhecimento pode implicar, já que todas as professoras relataram que não repetem histórias, justamente contrariando resultados disponíveis na literatura da área de que a repetição de histórias é favorável, especialmente, para a aprendizagem de vocabulário<sup>7</sup>.

Neste sentido, é válido ressaltar a importância da parceria entre profissionais da educação e da fonoaudiologia, ou seja, a atuação da fonoaudiologia escolar pode vir a suprir muitas das lacunas, já que os conhecimentos científicos acerca da linguagem são aprofundados por este profissional. E o quanto importantes são os relatos sobre esta parceria, para que se possam obter evidências científicas sobre os melhores formatos dessa interação.

Apesar do pouco conhecimento sobre preparo das histórias, os professores relataram que contam histórias com muitas e diferentes finalidades: discussão de conteúdo, ampliação de repertório linguístico, estimular o prazer pela leitura, entretenimento, etc. Esta constatação é bastante feliz já que a leitura pode realmente cumprir não apenas uma, mas muitas funções nas vidas das pessoas e essa exposição nos primeiros anos de vida escolar pode favorecer grandemente o desenvolvimento do hábito de leitura nas diferentes situações cotidianas. Porém, uma linha de investigação interessante seria buscar acompanhar as leituras e contações realizadas por professores ao longo de um ano escolar e verificar se realmente estão alcançando todos os objetivos, no sentido sugerido por Girolametto, Weitzman e Greenberg<sup>15</sup>.

Parte dos participantes tanto da rede municipal quanto da rede particular de ensino relataram que seus conhecimentos sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem é bom, outra parte descreveu como regular. Vários apontaram que os conhecimentos foram adquiridos de maneira informal em conversas e vivências. Seria importante conhecer o repertório real dos professores relacionado ao tema já que todos consideram que a estratégia de contação pode ser utilizada com a finalidade de estimulação de linguagem infantil. E então, se necessário, propor estratégias que favoreçam não apenas a ampliação do repertório sobre o tema (já que nenhum o considerou ótimo), mas também a

utilização do repertório nas atividades de contação de história que já são realizadas por todos eles.

## Conclusão

A partir dos resultados, conclui-se que as professoras realizam atividades de contação de histórias em suas práticas cotidianas, que creem que tal atividade se destaca como fator fundamental no desenvolvimento da linguagem oral e escrita da criança, bem como a da criatividade, imaginação, aprendizado e memória, acreditam que ao contar histórias estão suprimindo os objetivos: entretenimento, ensino de determinados conteúdos, ampliação de vocabulário, incentivo do ato de ler, entre outros. Porém, os dados informam que receberam pouco ou nenhum preparo formal, específico para desenvolver atividade de contação de histórias e também não se expõem a apresentações profissionais as quais seriam modelos importantes na aquisição e refinamento do repertório de contador de histórias. Por isso, seria importante investigar se de fato, os professores conseguem fazer esses diferentes usos ao longo do ano letivo já que apresentam pouco conhecimento sobre o preparo das histórias, o próprio preparo para realizar a atividade, sobre desenvolvimento de linguagem e de como operacionalizar a inserção de atividades de estimulação de linguagem na narrativa oral, tais habilidades que poderiam facilmente ser identificadas e otimizadas pelo trabalho conjunto do fonoaudiólogo e equipe educacional na escola.

## Referências

1. Mesquita FAR. A contação de história no desenvolvimento da linguagem oral. *Extensão em Ação*. 2014; 1(6): 87-95.
2. Skinner BF. *The Technology of teaching*. New York: Appleton-Century-Crofts; 1968
3. Andrade PBA, Costa SSG. Contação ou leitura: dois momentos mágicos da literatura infantil. *Nucleus*. 2015; 12(1): 341-60.
4. Oliveira A, Gonçalves SF. A importância da contação de histórias na educação infantil. *Revista Extensão em Foco*. 2013; 1(1): 50-3.
5. Flores EP, Santos GFA, Amadeu LFM, Dias AR. Leitura Compartilhada em um Hospital Pediátrico: Análise do Comportamento Verbal dos Contadores. *Psicol Refl Crít*. 2013; 26(4): 711-20.
6. Mokhtar NH, Halim MFA, Kamarulzaman SZS. The Effectiveness of Storytelling in Enhancing Communicative Skills. *NorHasni. Procedia Soc Behav Sci*. 2011; 18: 163-9.



7. Horst JS, Parsons KL, Bryan NM. Get the story straight: contextual repetition promotes word learning from storybooks. *Front Develop Psych*. 2011; 2(17): 1-11.
8. Horst JS. Context and Repetition in Word Learning. *Front. Psychol*. 2013; 4: 149;1-29.
9. Elley, WB. Vocabulary acquisition from listening to stories. *Read Res Quart*. 1989; 24(2): 174-87.
10. Feitelson D, Kita B, Goldstein Z. Effects of listening to series stories on first graders' comprehension and use of language. *Res Teach Engl*. 1986; 20(4): 339-56.
11. Souza LO, Bernardino AD. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. *Educere Educ*. 2011; 6(12): 235-49.
12. Wells, G. *The meaning makers: Children learning language and using language to learn*. 1.ed. Portsmouth, NH: Heinemann; 1986.
13. Whitehurst GJ, Lonigan CJ. Child development and emergent literacy. *Child Dev*. 1998; 69(3): 848-72.
14. Mallan K. *Children as storytellers*. Newtown, CT: Primary English Teacher Association. 1991.
15. Girolametto L, Weitzman E, Greenberg J. Facilitating Emergent Literacy: Efficacy of a Model That Partners Speech-Language Pathologists and Educators. *Am J Speech-Lang Pat*. 2012; 21: 47-63.
16. Abramovich F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione; 2003.
17. Trivette CM, Dunst CJ. Relative effectiveness of dialogic, interactive, and shared reading interventions. *Learning*. 2007; 1(2): 1-12.
18. Whitehurst GJ. Dialogic reading: An effective way to read to preschoolers. 1992. Retrieved from <http://www.readingrockets.org/article/400>.
19. Baum WM. *Compreender o behaviorismo: Ciência, Comportamento e Cultura – Porto Alegre*: Editora Artes Médicas; 1999.
20. Barroso TSN, Silva CR. Literatura na educação infantil: a influência da contação de histórias no processo de formação de pequenos leitores. *Revista Maiêutica*. 2015; 3(1): 13-8.
21. Contini J. A concepção do sistema alfabético por crianças em idade pré-escolar. In: Kato M (Org). *A concepção da escrita pela criança*. São Paulo: Pontes; 1988. p. 53-104.
22. Mol SE, Bus AG, Jong MT. Interactive book reading in early education: A tool to stimulate print knowledge as well as oral language. *Rev Educ Res*. 2009; 79(2): 979-1007.
23. Belet D, Dal S. The use of storytelling to develop the primary school students' critical reading skill: the primary education pre-service teachers' opinions. *Procedia Soc Behav Sciences*. 2010;9: 1830-4.
24. Neto LEF, Silva KNB, Arruda IF. Fonoaudiologia, contação de histórias e educação: Um novo campo de atuação profissional. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, 18(2): 209-222, agosto, 2006.
25. Leite KKA, Bittencourt ZZLC, Silva IR. Fatores socioculturais envolvidos no processo de aquisição da linguagem escrita. *Rev CEFAC*. 2015; 17(2): 492-501.
26. Chesini IM, Crestani AH, Souza APR. Narratividade do professor: mediação e linguagem na sala de aula. *CEFAC*. 2013 Set-Out; 15(5):1259-1269
27. Manzini EJ. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. (In) Marquezine MC, Almeida MA, Omote S (Orgs). *Colóquios sobre pesquisa em educação especial*. Londrina: Eduel, 2003. p 11-25.
28. Minayo MCS. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; 2007. 407 p.
29. Gomes R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Deslandes SF, Minayo MCS, Gomes R, organizadores. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28ª ed. Petrópolis: Vozes; 2009. p 79-108.
30. Fontes MJO, Cardoso-Martins C. Efeitos da Leitura de Histórias no Desenvolvimento da Linguagem de Crianças de Nível Socioeconômico Baixo. *Psicol Refl Crít*. 2004; 17(1): 83-94.
31. Lima SEA. A formação do professor da educação infantil e o trabalho 1-15.
32. Cunha JHS, Gradim LCC, Costa JD, Andrade PF, Oliveira NP, Pinto AC. A experiência da Terapia Ocupacional com contação de histórias em uma instituição educacional. *Cad Ter Ocup UFSCar*. 2015; 23(1): 221-5.



**Anexo 1**

<b>ROTEIRO DE QUESTÕES</b>	
<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	
NOME: TEMPO DE ATUAÇÃO COMO PROFESSOR NO ENSINO INFANTIL: INSTITUIÇÃO ONDE TRABALHA: COM QUANTAS CRIANÇAS TRABALHA:	IDADE:
<b>QUESTIONÁRIO</b>	
1. Qual sua formação? Como foi a sua história até chegar ao seu fazer nesta profissão?	
2. Você costuma ouvir histórias? Em quais situações?	
3. Você conta histórias? Se sim:	
3.1- Em qual(is) situação(ões)? 3.2- Já fez algum curso, leitura, oficina sobre contação de histórias? Onde? 3.3- Faz algum tipo de preparo vocal e expressão corporal antes da Contação? Qual? 3.4- Que tipos de materiais específicos utiliza para a Contação? 3.5- Como é feita a seleção de histórias? 3.6- Qual o objetivo ao contar uma história?	
4. Como você considera seu conhecimento sobre Aquisição e Desenvolvimento de Linguagem Oral e Escrita durante os primeiros anos de vida? ( ) BOM ( ) ÓTIMO ( ) MUITO BOM ( ) REGULAR ( ) AUSENTE	
5. Como seu conhecimento sobre: "Aquisição e Desenvolvimento de Linguagem Oral e Escrita durante os primeiros anos de vida" foram adquiridos? ( ) Na vivência (observação de filhos, alunos, crianças que cuidou) ( ) Em cursos de formação ( ) Em leituras de textos técnicos ( ) Conversas informais	
6. Você acha que é possível influenciar o desenvolvimento da linguagem por meio de contação de histórias? Se sim, como?	